

As estratégias da Educação Musical para a promoção da Educação das Relações Étnico-Raciais no Ponto de cultura Jovens Pesquisadores

Dálete Lima de Souza

Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP
daletemuller@gmail.com

Érika de Andrade Silva

Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP
Universidade de Franca - Unifran
esilva@unaerp.br

Resumo: Esta pesquisa em andamento pretende investigar as estratégias da educação musical que promovam a educação das relações étnico-raciais desenvolvida como trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Música da universidade de Ribeirão Preto, São Paulo. A escolha do tema se originou das experiências nas atividades do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Os conceitos desenraizamento, multiculturalismo, desconcientização, bem como equidade e educação humanizadora serão discutidos a partir dos autores Nilma Lino Gomes (2010), Petronilha Silva (2000), (2001), (2003), (2007), (2012), Muniz Sodré (2012), Darcy Ribeiro (1995) e Paulo Freire (1967) que compõem o referencial teórico. Os objetivos da pesquisa são: registrar as atividades da Oficina de Canto Coral do Ponto de Cultura Jovens Pesquisadores que a partir do tema “Identidade” trabalhará a educação das relações étnico-raciais, descrever as estratégias de ensino utilizadas na Oficina para a promoção da educação das relações étnico-raciais; utilizar a educação musical como ferramenta mobilizadora para a educação das relações étnico-raciais. A pesquisa tem caráter qualitativo, de campo, etnográfica, exploratória e bibliográfica. Como procedimentos metodológicos serão realizadas entrevistas com 15 alunos participantes da Oficina de Canto Coral com idades entre 7 e 18 anos. As entrevistas seguirão um roteiro, caracterizando-as como semi-estruturadas, que serão transcritas e analisadas, buscando unidades de sentido. Critério de inclusão dos colaboradores da pesquisa: serem participantes da Oficina de Canto Coral do Ponto de Cultura Jovens Pesquisadores. Adota como instrumentos de coleta de dados: observações e registros das atividades realizadas na Oficina de Canto Coral. Espera-se que a pesquisa contribua para: os possíveis estudos pedagógicos que busquem atingir este mesmo objetivo, que a partir dos diálogos e das estratégias traçadas haja uma maior conscientização social, partindo dos participantes para a sociedade; ampliar a consciência acerca das realidades sociais; a formação de professores; fomentar a equidade, a paz, refletindo na diminuição da desigualdade racial

Palavras-chave: Educação das Relações étnico-raciais, Educação musical, Identidade.

Introdução

Esta pesquisa busca investigar se as estratégias utilizadas Oficina de Canto Coral do Ponto de Cultura Jovens Pesquisadores podem contribuir para a educação das Relações étnico-raciais. Para tal, serão registradas as atividades realizadas buscando confirmar a hipótese da contribuição da educação musical para a educação das Relações étnico-raciais.

A escolha do tema da presente pesquisa se deu por meio das experiências obtidas como bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no ano de 2017. Neste período, foi construído o planejamento anual das atividades contemplando a educação das relações étnico-raciais, atendendo os objetivos do subprojeto música que busca promover a articulação entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento escolar, buscando compreender e contribuir com a realidade educacional brasileira, oportunizando aos graduandos contato com a realidade escolar desde o início de sua formação. Compõe o programa os cursos de licenciatura em Pedagogia, Educação Física e Música da Universidade de Ribeirão Preto, estado de São Paulo.

A partir das ações direcionadas à educação das relações étnico-raciais desenvolvidas nas aulas de educação musical promovidas pelo subprojeto música do PIBID, foram elaboradas diversas atividades, provocando discussões, integrando músicos parceiros da comunidade escolar sempre tendo como objetivo ampliar a consciência dos estudantes em relação às contribuições das culturas indígenas e africanas na construção da sociedade brasileira.

Baseada nas experiências e atividades mencionadas surge uma inquietação pessoal em relação à superficialidade ou mesmo a falta de conhecimentos por parte dos alunos acerca das contribuições das culturas indígenas e africanas na construção da cultura nacional. Essa falta de conhecimentos pode gerar a não identificação, o distanciamento das raízes de suas próprias culturas influenciando na construção da identidade individual e coletiva, o que causa a desvalorização social. Verifica-se então, a necessidade de discutir o tema em diferentes espaços, inclusive e principalmente os espaços educacionais.

Enquanto pessoa afrodescendente suponho que, se houvesse na minha trajetória escolar discussões em relação ao reconhecimento e valorização das raízes que refletem na

compreensão da realidade social, étnica e familiar, a construção da minha identidade teria se dado com mais consciência. Até pouco tempo, decorrente desta lacuna na formação, não pensava ser uma pessoa negra.

Para compreender quais são os mecanismos que dificultam a abordagem do tema e que resumem a problemática da pesquisa, se faz necessário conhecer melhor a realidade educacional:

Alguns aspectos são:

1) A educação contemporânea: tem como foco os resultados e desvaloriza o processo, preocupando-se mais com a formação técnica para o mercado de trabalho e menos com uma formação humanista e que reflete na realidade escolar, submetendo os gestores a um sistema que não permite equilibrar uma educação humana, crítica e realista aos parâmetros de valor estabelecidos. Um exemplo disso são os processos seletivos para as universidades e as avaliações que privilegiam certas disciplinas em detrimento de outras.

2) O despreparo do professor: A formação docente, em sua sua grande maioria, não prepara o educador para atuar de forma crítica em relação aos preconceitos, a diversidade e as diferenças, pois sendo esse um tema tabu para a sociedade, reflete diretamente nas universidades, nos cursos de licenciatura bem como na atuação do educador. Há necessidade do encantamento do educador sobre o tema e da compreensão que discutir o direito à diversidade faz parte de uma demanda social e não só dos grupos socialmente atingidos (GOMES, 2010).

3) Quanto à falta de materiais: Após a promulgação da Lei 10.639/2003 iniciou-se um movimento encabeçado por intelectuais negros que buscou suprimir a falta de conteúdos e materiais que auxiliam no encontro de estratégias nas áreas de Geografia, Matemática, Português, entre outras. O projeto A Cor da Cultura, por exemplo, foi constituído a partir de parcerias e trocas entre os pensadores das questões étnico-raciais no Brasil. Foram elaborados cinco cadernos intitulados Modos de Ver, Modos de Sentir, Modos de Interagir, Modos de Fazer e Modos de Brincar:

Pode-se dizer que essa é uma metodologia tecida em diálogo com múltiplas vertentes: várias linguagens, pessoas, disciplinas, saberes e fazeres sendo polifônica e dialógica, fincada no aprenderensinaraprender. Todas as pessoas se constituem em malungas, nesta viagem [...] na qual o real desejo de erradicar o racismo transcende a implementação da Lei nº 10.639/2003

e faz, de todos nós, construtores da sociedade dos nossos sonhos (TRINDADE, 2010, p.13).

Na área da Educação Musical os conteúdos são amplos, vão da prática dos ritmos africanos, afro-brasileiros, músicas indígenas à história da música. Mas há escassez nos materiais que auxiliam nas estratégias de ensino, na maneira como discutir e trabalhar questões mais complexas em relação à histórica contribuição dessas culturas na formação do povo brasileiro.

As dificuldades encontradas em todas as disciplinas escolares e espaços de educação não formais/informais vem de uma problemática mais ampla das relações de opressão que ocorreram e ocorrem na sociedade e que refletem na realidade da educação brasileira. Essa relação de opressão vem da violência sofrida em que os povos indígenas e africanos foram submetidos historicamente. Segundo Ana Maria Gonçalves citada por Ramos (2017, p.64) boa parte da população branca conhece bem suas origens europeias e cultiva, com orgulho e carinho, mas diferente é com os descendentes de africanos que aqui aportaram “os negros escravizados, obrigados por seus escravizadores, deram voltas em torno da árvore do esquecimento para que zerassem suas memórias, apagando assim os rastros de suas histórias”.

A Lei 10.639/2003 torna-se uma ferramenta de ação e transformação imprescindível quando obriga o ensino das culturas afro-brasileira, africana e indígena em todo o currículo escolar, do ensino fundamental ao médio, das escolas públicas e privadas e inclui o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (BRASIL, 2003). Desse momento da criação da lei, surgem demandas, mas também condições de compreender africanos, afro-brasileiros e indígenas protagonistas, sujeitos históricos e sociais plenos (TRINDADE, 2010).

Buscando criar e fomentar práticas que contribuam para a educação das relações étnico-raciais, associadas às reflexões e indagações levantadas a partir das experiências adquiridas como bolsista do subprojeto música do PIBID, proponho o registro da realização da Oficina de Canto Coral do Ponto de Cultura Jovens Pesquisadores. Nesta pesquisa, busca-

se por meio do tema “Identidade” sugerido aos participantes da Oficina, explorar a educação das relações étnico-raciais. Além dos registros das atividades, serão realizadas entrevistas com os participantes a fim de compreender como a música relaciona-se com a construção de suas identidades.

O Ponto de Cultura Jovens Pesquisadores caracteriza-se como mobilização da sociedade civil. Tem como objetivo democratizar o acesso à cultura, a arte e a educação, promovendo diversas atividades que estimulam a vida comunitária saudável, atendendo principalmente, não exclusivamente, crianças e adolescentes. O projeto nasceu em 2012 a partir das oficinas de arte do Ponto de Cultura Cema Dorival Rossi e hoje se amplia para oficinas de Teatro, Violão, Poesia e Canto Coral¹.

Sendo parte dos objetivos, o projeto busca fomentar reflexões e provocações sobre a realidade social encontrando maneiras de atuar e transformar de forma coletiva. Com esse intuito, as atividades ao longo do tempo, sempre foram permeadas por discussões acerca das origens, do combate ao preconceito racial e a xenofobia.

A partir da reflexão de que “as práticas da educação não formal se desenvolvem usualmente extramuros escolares, nas organizações sociais, nos movimentos, nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais” (GOHN, 2014, p.41 apud SOUZA; VALE, 2018, p.13) é possível afirmar que o Ponto de Cultura é um espaço de educação não-formal.

As atividades acontecem em prédio público sediado a partir da conexão entre o projeto e a gestão municipal. A composição social do bairro caracteriza-se em maior parte, pelas famílias dos migrantes oriundos dos estados do nordeste brasileiro. Verificou-se que os participantes, em sua maioria, são afrodescendentes.

Para obter referências a fim de compreender a educação das relações étnico-raciais, esta investigação adota como referencial teórico educadores e pesquisadores como Nilma Lino Gomes (2010), Petronilha Silva (2000), (2001), (2003), (2007), (2012), Muniz Sodré (2012) que abordaram a questão das relações étnico-raciais e a educação elaborando artigos e materiais a serem considerados para a prática educacional. Darcy Ribeiro (1995), sociólogo dissertou sobre a construção da sociedade a partir da miscigenação entre as culturas

¹ Documento Interno do Ponto de Cultura Jovens Pesquisadores. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Ponto-de-Cultura-Jovens-Pesquisadores-487569578036058/>>

índigena, africana e europeia. Paulo Freire (1967; 1979) possibilita um olhar mais profundo que conecta a história, a educação e a justiça social.

Pretendo a partir dos autores citados, discutir os conceitos de desenraizamento, multiculturalismo, desconscientização, bem como os termos equidade e educação humanizadora.

Considerando toda a problemática apresentada, a questão de pesquisa define-se na seguinte pergunta: “Como a educação musical pode contribuir para a educação das relações étnico-raciais”?

Hipótese

A hipótese levantada é que as atividades musicais realizadas do Ponto de Cultura Jovens Pesquisadores oferecem contribuição para a educação das relações étnico-raciais.

Objetivos

- descrever as estratégias de ensino utilizadas na Oficina de Canto Coral buscando promover a educação das relações étnico-raciais através da educação musical.
- registrar as atividades desenvolvidas na Oficina de Canto Coral do Ponto de Cultura Jovens Pesquisadores, além de compreender como as experiências vividas na Oficina provocaram os participantes a refletir acerca de suas identidades a partir da análise dos resultados das entrevistas realizadas.

Metodologia

- **Tipo de pesquisa**

Este trabalho tem como base as pesquisas de campo e bibliográfica. Segundo Gil (2010) a pesquisa de campo ou etnográfica tem como objetivo o estudo das pessoas em seu

próprio ambiente mediante a utilização de procedimentos como entrevistas em profundidade e observação participante. Sendo o pesquisador parte da comunidade pesquisada, há maior probabilidade de os sujeitos apresentarem respostas mais confiáveis.

A pesquisa bibliográfica por sua vez “é elaborada com base em material já publicado [...] inclui material impresso, como livros, revistas e jornais [...], toda pesquisa acadêmica em algum momento requer a realização de pesquisa bibliográfica” (GIL, pág. 29, 2010).

Esta pesquisa também pode ser entendida como exploratória, uma vez que busca “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GIL, pág. 27, 2010).

- **Método**

É adotado o caminho metodológico da pesquisa qualitativa. A pesquisadora faz observações em campo durante os encontros e utiliza de estudos e pesquisas de autores que refletem sobre a educação e as relações étnico-raciais para conceituar e embasar os estudos acerca do tema.

Como procedimentos metodológicos serão realizadas entrevistas com 15 alunos participantes da Oficina de Canto Coral com idades entre 7 e 18 anos. As entrevistas seguirão um roteiro, caracterizando-as como semiestruturadas, que serão transcritas e analisadas, buscando unidades de sentido. Terão por objetivo permitir que os participantes apresentem as experiências obtidas nas atividades desenvolvidas. Serão realizadas durante os encontros da Oficina para que não interfira na rotina e organização pré-estabelecidas, captadas por áudio, porém a gravação poderá ser interrompida a qualquer momento mediante solicitação de algum participante.

As atividades realizadas durante os encontros serão registradas em áudio e vídeo e posteriormente descritas.

Após os encontros, os dados serão transcritos, organizados, analisados e por fim, os resultados obtidos através destas análises serão registrados na pesquisa.

- **Materiais**

Serão utilizados gravadores de áudio e imagem para a captação e registro das atividades e das entrevistas.

- **Local onde a pesquisa será realizada**

O Ponto de Cultura Jovens Pesquisadores foi escolhido para a realização da pesquisa por ser um espaço de arte, cultura e educação, atendendo a comunidade com atividades gratuitas, coordenado por ex-alunos que se transformaram em oficinairos voluntários, sendo parceiros da comunidade local. É também um espaço adequado para a pesquisa uma vez que atende diferentes faixas etárias e classes sociais.

Considerando as características do local escolhido para a pesquisa pretendo conjuntamente, analisar as dificuldades e facilidades encontradas no processo, sendo este um universo com características de educação não-formal, complementar à escola e movido por práticas sociais.

- **Participantes da pesquisa**

A pesquisa será realizada com 15 participantes da Oficina de Canto Coral do Ponto de Cultura Jovens Pesquisadores com idades entre 7 e 18 anos. Como critério de inclusão dos colaboradores da pesquisa, os mesmos devem ser participantes da Oficina de Canto Coral do Ponto de Cultura Jovens Pesquisadores.

- **Resultados esperados**

No bojo das necessidades da sociedade contemporânea uma educação mais sensível às diferenças que compreende e valoriza a diversidade humana, pode contribuir para:

- A consciência acerca das realidades sociais;
- Para os possíveis estudos pedagógicos que buscam atingir este mesmo objetivo;

- Na concepção de diversidade étnico-racial, social e cultural refletida nas expressões culturais e musicais oriundas dos povos indígenas, africanos e afro-brasileiros;
- Para a formação de professores;
- De uma forma mais ampla promover a equidade, a paz, possibilitando a diminuição da desigualdade racial.

BREVE ESCLARECIMENTOS SOBRE OS CONCEITOS

Afim de esclarecer alguns aspectos desta pesquisa, discorreremos sobre alguns conceitos dentre eles o de desenraizamento. Simone Weil (1943/1996, p. 411 apud BUSNARDO, 2003, p.33) define o enraizamento como “a necessidade que todo ser humano possui de ter uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro”.

O desenraizamento então “partindo de diferentes contextos, pontos de vista e em datas distintas, expropria seres humanos, transformando jeitos de viver e de ser, impõe papéis sociais adversos, recompõe identidades” (WEIL e HALL, 1979, 2003 apud OLIVEIRA et al, 2005, p.4). No campo da psicologia social “o desenraizamento étnico se dá pela perda dos elementos sensoriais e culturais que remetem o ser humano à memória de origem (MAHASEN, p. 34, 2009).

A diáspora dos povos africanos gerou entre muitos resultados devastadores, o desenraizamento. Memmi (1977) diz que:

A experiência do tráfico e da escravidão dos africanos para as Américas durante quatro séculos está entre as mais dolorosas práticas sociais que provocaram desenraizamento, exigiram a criação de novas raízes, o que só foi possível graças aos valores de refúgio oriundos das tradições primeiras (MEMMI, 1977 apud OLIVEIRA et al, 2005, p.4)

Nos remete, a partir da análise desta citação, o quanto nos foi maquiada, e ainda o é, a real história desses povos, que para além da dor física, sofreram um ato de desumanização, negando-os qualquer direito a sua identidade, cultura e humanidade.

Imersas no processo de ruptura com suas origens e na busca pela identificação com a cultura dominante, os africanos mergulharam tão profundamente na construção do Brasil, que deixaram de serem eles, para serem nós, os brasileiros (RIBEIRO, 1995).

Partindo desta premissa, podemos compreender como se deu a construção de identidades afro-brasileiras. Estas constituíram-se a partir da miscigenação entre povos distintos, europeus, indígenas e principalmente africanos. Eram o legado da cultura africana em território brasileiro, porém não eram africanos, nem portugueses e nem índios. A mistura dessas culturas, gerou o “povo ninguém”, o brasileiro (RIBEIRO, 1995).

Estas identidades afro-brasileiras, necessitavam (e necessitam) ter acesso a memória de sua história, para assim restituir suas raízes, construir e reafirmarem suas identidades.

O multiculturalismo traz uma contribuição significativa para a compreensão desta pesquisa e para o processo de construção e reafirmação destas identidades uma vez que “implica o reconhecimento da diferença, o direito à diferença, colocando em questão o tipo de tratamento que as identidades tiveram e vêm tendo nas democracias tradicionais” (GONÇALVES; SILVA, 2003, p.109).

Para melhor compreendermos:

O multiculturalismo é o jogo das diferenças, cujas regras são definidas nas lutas sociais por atores que, por uma razão ou outra, experimentam o gosto amargo da discriminação e do preconceito no interior das sociedades em que vivem (...). Isto significa dizer que é muito difícil, se não impossível, compreender as regras desse jogo sem explicitar os contextos socio-históricos nos quais os sujeitos agem, no sentido de interferir na política de significados em torno da qual dão inteligibilidade a suas próprias experiências, construindo-se enquanto atores. (GONÇALVES; SILVA, 2001 apud GONÇALVES; SILVA, 2003, p.111).

O contexto no qual o multiculturalismo está inserido remete-se ao núcleo de sociedades “cujos processos históricos foram marcados pela presença e confronto de povos culturalmente diferentes. Esses povos, submetidos a um tipo de poder centralizado, tiveram de viver a contingência de juntos construir uma nação moderna” (BHABHA, 1998, cap. III apud GONÇALVES; SILVA, 2003, p.112).

Neste sentido o multiculturalismo busca resoluções múltiplas que incorporem a diversidade e o desafio a preconceitos, nas várias expressões do campo social, incluindo a educação (CANEN, 2002 apud PENNA, 2005), tanto quanto a “reformulação da memória histórica, da identidade nacional, da representação individual e social, bem como da política da diferença” (GONÇALVES; SILVA, 2003, p.112).

Manifestações do multiculturalismo se fazem presentes nas artes, nos movimentos sociais, em políticas mesmo antes de serem inseridos no campo educacional:

O multiculturalismo não surgiu como um movimento no campo da educação. Foi e é expressão artística de reivindicações, foi contemplado por políticas com diferentes enfoques e abrangências. Dessa forma, necessariamente invadiu o campo educacional. Invadiu porque minorias, não em números, mas em poder e influência, há muito reivindicavam o cumprimento dos princípios de igualdade e equidade, relativos às constituições de todos os países democráticos (GONÇALVES; SILVA, 2003, p.111).

Podemos compreender então, como o multiculturalismo contribui para a educação. Buscando alinhar ao objetivo desta pesquisa, o multiculturalismo atinge em específico a educação musical abrangendo o direito e valorização da diversidade. Segundo Penna (2005) o ensino de arte com viés multicultural provoca a ampliação na concepção de arte, fazendo-se necessário abranger as múltiplas e diferenciadas manifestações artísticas, assim como no campo da educação musical:

Uma “concepção ampla de música é uma condição necessária para que a educação musical possa atender à perspectiva multicultural [...], a concepção da multiculturalidade contribui para a ampliação da concepção de música que norteia nossa postura educacional” (PENNA, 2005, p.10).

Na mesma perspectiva, como já citado por Gonçalves e Silva (2003), a equidade surge como um princípio a ser cumprido e enaltecido para que efetivamente a educação possa ser democrática, respeite e valorize as diferenças, porém combatendo as desigualdades sociais oriundas da negação e desrespeito a essas diferenças.

O termo Equidade vem do latim *aequitas*, *atis*, um substantivo feminino, significa igualdade e moderação e o substantivo neutro, *aequum*, *i*, equidade e justiça. Compõem os princípios da justiça social que pressupõe o respeito às diferenças como meio para se atingir

a igualdade. Esse princípio permite pressupor que igualdade não reflete a homogeneidade, isto é, o não reconhecimento de diferenças entre as pessoas (SPOSATI, 2010).

Para Gonçalves e Silva (2005, p. 118) divergente a noção de igualdade, a equidade “não nega, mas reconhece a pertinência política das especificidades culturais dos indivíduos e dos grupos. Para se chegar a dita “igualdade de oportunidades” é preciso dar tratamento diferenciado aos membros das coletividades”.

Obter igualdade exige a disposição de reconhecer o direito de cada um em ter reconhecidas suas necessidades:

A equidade é parte intrínseca da justiça social. Constitui um valor ético e civilizatório. A justiça social é entendida com um corretivo da justiça legal [...]. A ausência de equidade provoca a iniquidade, isto é, inexistência de acesso justo e igual para que todos superem suas necessidades e tenham igualdade distributiva ou redistributiva na qualidade de atenção a essas necessidades e acesso a oportunidades construídas pela sociedade (SPOSATI, 2010, p.2).

Como ferramenta política de promoção da equidade, as ações afirmativas têm papel fundamental:

Amalgamando as reivindicações sociais e a ação do Estado, a institucionalização do combate às desigualdades raciais traz para as ações afirmativas, entendidas como política social, uma questão altamente vinculada aos ideais que norteiam e regulam os Estados democráticos contemporâneos, o princípio de equidade e a liberdade, entendida na forma de respeito aos direitos individuais (BRASIL, 2003, p.91).

“Portanto, a equidade social significa, nesse âmbito de políticas públicas, um equilíbrio na distribuição de benefícios e acessos construídos pela sociedade” (SPOSATI, 2010, p.2). Um exemplo disto foi a interpretação do Conselho Nacional de Educação (CNE) sobre as determinações da Lei 10.639/2003 que introduziu, na Lei 9394/1996 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a obrigatoriedade do ensino de história e cultura Afro-Brasileira e Africana. Ao instruir acerca das determinações, inseriu na essência dos posicionamentos:

Recomendações, ordenamentos, a educação das relações étnico-raciais.

Desta forma, configurou política curricular que toca o âmago do convívio, trocas e confrontos em que têm se educado os brasileiros de diferentes origens étnico-raciais, particularmente descendentes de africanos e de europeus, com nítidas desvantagens para os primeiros (HENRIQUES, 2001; JACCOUD, 2002; PAIXÃO, 2006 apud SILVA, 2007, p.490).

Para ter consciência da história das relações de opressão entre povos, partindo para a consciência do seu eu no mundo sustentado pela construção da identidade social e individual e, principalmente, buscando defender o princípio de equidade, todo o ser humano necessita passar por um processo de conscientização que se inicia com a tomada de consciência e mergulha na busca da existência crítica e reflexiva no mundo. Sobre a distinção conceitual entre “consciência” e “conscientização”, Paulo Freire:

Esta tomada de consciência não é ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea da apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. É precisamente isto, a “práxis humana”, a unidade indissolúvel entre minha ação e minha reflexão sobre o mundo (FREIRE, 1979, p.26).

A conscientização então, nos torna sujeitos conscientes de nossa própria história, subsidiando a luta contra as opressões sofridas, dando suporte a construção de novos caminhos. Através da educação, a conscientização torna possível a correção dos problemas históricos de opressão. Para isso, nós, indivíduos, inseridos em grupos sociais, precisamos nos conscientizar das raízes da nossa cultura, para que assim possamos nos enraizar novamente. Esta, a conscientização, se torna uma ferramenta imprescindível para o trabalho com os sujeitos, focos desta pesquisa, os alunos participantes.

Nas palavras de Paulo Freire:

A conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exige que os homens criem sua existência com um material que a vida lhes oferece (FREIRE, 1979, p.26).

Refletindo acerca da posição de Paulo Freire, compreender-se-á a possibilidade de

construir novos caminhos, fórmulas e práticas que subvertam a situação de opressão a que os povos africanos, afro-brasileiros e indígenas foram submetidos historicamente, utilizando-se desta mesma posição. Dando exemplo sobre um segmento específico dentro dos grupos marginalizados, Collins (2016 apud RIBEIRO, 2017, p.45) discute que há a necessidade de “as mulheres negras fazerem um uso criativo do lugar de marginalidade que ocupam na sociedade a fim de desenvolverem teorias e pensamentos que reflitam diferentes olhares e perspectivas”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo em fase de desenvolvimento, esta pesquisa nos possibilita refletir acerca das estratégias que podem ser adotadas na educação – em específico a educação musical – para que seja promovida uma proposta educacional que leva em conta as relações étnico-raciais. Não pretendo, contudo, dar respostas absolutas sobre a prática, e sim fomentar os diálogos pertinentes à temática e contribuir com educadores musicais, que também compreendem a educação musical como ferramenta de transformação de realidades que têm em sua história práticas de desumanização impingidas de uns sobre os outros.

Neste contexto compreende-se a música como ferramenta de contribuição para a educação das relações étnico-raciais, pois, pela própria natureza, mobiliza os sentidos, convidando à ação mesmos os que não estejam dispostos. Sendo também entendida como atividade musical historicamente inserida no contexto cultural. Assim sendo, se apresenta muito eficiente na mobilização de pessoas, servindo de ferramenta mobilizadora que fomenta ações e reflexões, promovendo o direito a diversidade.

A partir das reflexões, compreendemos que é necessário fortalecer o processo de descortinar e expor determinadas narrativas históricas, para assim possibilitar o contato com o que nos foi e é velado. Esta memória, enraizada, porém desvalorizada, necessita emergir, sair da amnésia social, podendo este processo ser mais efetivo quando trabalhado coletivamente e através de ferramentas mobilizadoras como a educação musical.

Referências

BRASIL. LEI 10.639 de 9 de Janeiro de 2003. Brasília, DF, 2003. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/2003/L10.639.htm > Acesso em: 10/05/2018

BRASIL. Ministério da Educação. *Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD)*. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12391& Acesso em 07/06/2018.

BUSNARDO, A. M. *Transformações no trabalho, luta operária e desenraizamento: a reestruturação produtiva no cotidiano e nas representações de trabalhadores metalúrgicos de uma empresa da região do ABC*. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, v. 6, n. 1, p. 15-35, 2003. Disponível em < <http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25849> > Acesso em 22/08/2018.

EBAH. Amostragem. Disponível em < <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABNXgAD/amostragem> >

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e pratica da libertação*. São Paulo: Cortez, 1979. 174 p.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Editora Paz e Terra LTDA. Rio de Janeiro, 1967.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar Projetos de Pesquisa*. 5º Ed. – São Paulo: Editora ATLAS S.A. – 2010.

GOMES, Nilma Lino. *Educação, Relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: Breves reflexões*. In: BRANDÃO, Ana Paula (Org). *A Cor da Cultura – Saberes e Fazeres – Modos de Fazer*. 1º Ed. - Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. p. 19-25. ISBN 978-85-7484-490-9.

GOMES, Nilma Lino. *Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório*. In: FONSECA, Marcus Vinícius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da; FERNANDES, Alessandra borges (Org). *Relações étnico-raciais e educação no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2011. p. 39-59. ISBN 978-85-7160-545-9.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *Movimento negro e educação*. Revista Brasileira de Educação, Set/Out/Nov/Dez 2000 Nº 15. Disponível em: [file:///D:/Downloads/Movimento-Negro-e-duca%C3%A7%C3%A3o%20\(1\).pdf](file:///D:/Downloads/Movimento-Negro-e-duca%C3%A7%C3%A3o%20(1).pdf) Acesso em 05/04/2018.

KATER, Carlos. *O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social*. Revista da ABEM, 2004. Disponível em <<file:///C:/Users/822514.RPO-ACAD/Downloads/O%20que%20podemos%20esperar%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20omusical%20em%20projetos%20de%20a%C3%A7%C3%A3o%20social.pdf>> Acesso em 05/04/2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 80 p. ISBN 8532611451 (broch.).

MAHASEN, Suhaila Andere. *Desenraizamento Cultural e Religioso e suas repercussões psíquicas em drusos inseridos na cultura brasileira*. Pontifícia Universidade Católica De São Paulo - PUC, São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15802>> Acesso em 22/08/2018.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; JUNIOR, Luiz Gonçalves; MONTRONE, Aida Victoria Garcia; JOLY, Ilza Zenker. *Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais*. UFSCar, SP, [2011?] data provável. Disponível em: <<http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT06-5383--Int.pdf>> Acesso em 22/08/2018.

PENNA, Maura. *Poéticas musicais e práticas sociais: reflexões sobre a educação musical diante da diversidade*. Revista da ABEM, 2005. Disponível em <file:///D:/Downloads/Artigo%20para%20Dalet.pdf> Acesso em 24/05/2018.

RAMOS, Lázaro. *Na minha pele*. 1º. Ed. – São Paulo: Editora Companhia das Letras; 2017.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte – MG: Letramento, 2017.

RODRIGUES, Tatiane Cosentino. *Reinventando a nós mesmos: uma conversa com Joyce E. King*. Revista Eletrônica de Educação. Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos-SP, Brasil, 2015. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/issue/view/19/showToc>> Acesso em: 17/08/2018.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; PINTO, Regina Pahim (org.). FONSECA, Marcus Vinicius da; SANTANA, Patrícia Maria de Souza; VERAS, Cristiana Vianna; JUNQUEIRA, Eliane Botelho; SILVA, Júlio Costa da. *Negro e educação: presença do negro no sistema educacional brasileiro*. São Paulo, 2001. Disponível em: <http://acaoeducativa.org.br/relacoesraciais/wp-content/uploads/2013/12/Negro-Educa%C3%A7%C3%A3o-1-INEP.pdf> Acesso em 05/09/2018.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. *Multiculturalismo e educação: do protesto de rua a propostas e políticas*. Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 109-123, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27902> Acesso em 22/08/2018.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *Africanidades brasileiras Esclarecendo significados e*

definições. Revista do professor, Porto alegre. 19 (73): 26-30, jan./mar. 2003. Disponível em : <http://africanidadesaraucaria.blogspot.com/2009/03/africanidades-brasileiras.html> Acesso em 29/03/2018

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil*. In: FONSECA, Marcus Vinícius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da; FERNANDES, Alessandra borges (org). *Relações étnico-raciais e educação no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2011. P. 11-37. ISBN 978-85-7160-545-9.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves (org); SILVÉRIO, Valter Roberto (org); SILVEIRA, Oliveira da; VIEIRA, Andréa Lopes da Costa; JÚNIOR, Hédio Silva; MUNANGO, Kabengele; MATTOS, Wilson Roberto de; JÚNIO, Henrique Cunha; CARVALHO, José Jorge de Antônio; ALFREDO, Sérgio; GOMES, Nilma Lino; OLIVEIRA, Rachel de. *Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica*. Inep/MEC – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Brasília-DF 2003. Disponível em: http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/educacao_acoes_afirmativas.pdf Acesso em 16/08/2018.

SODRE, Muniz. *Reinventando a educação: Diversidade, descolonização e redes*. 1º Ed. – Rio de Janeiro: Editora Vozes; 2012.

SPOSATI, Aldaiza. *Equidade*. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM. Disponível em: < <http://www.gestrado.net.br/pdf/270.pdf> > Acesso em 16/08/2018.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. *Por uma pedagogia antirracista*. In: BRANDÃO, Ana Paula (Org). *A Cor da Cultura – Saberes e Fazeres – Modos de Fazer*. 1º Ed. - Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. p. 19-25. ISBN 978-85-7484-490-

ZUBARAN, Maria Angélica; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *Interlocuções sobre estudos afro-brasileiros: Pertencimento étnico-racial, memórias negras e patrimônio cultural afro-brasileiro*. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 130-140, Jan/Abr 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/zubaran-silva.pdf> Acesso em 05/9/2018.